

## PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA ESCOLA PÚBLICA: um relato de experiência sobre um serviço de acolhimento psicológico infantil

Lucas Oliveira Rodrigues da Silva<sup>1</sup>  
Mariana Moreira Rêgo de Deus<sup>2</sup>  
Rafaella Coelho Sá<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de implementação de um serviço de Plantão Psicológico em uma escola pública que é circundada por um contexto de vulnerabilidade, drogadição e criminalidade na capital do Piauí. Este desafio tornou-se relevante devido ao quantitativo crescente de comportamento autolesivo, ideação suicida, agressão e exploração infantil que ocorre neste contexto escolar específico, considerando que as dificuldades socioemocionais tangenciam sobremaneira os processos educacionais e desenvolvimento humano. A experiência ocorreu durante a prática de estágio, a qual realizou-se acolhimento psicológicos de alunos da 1<sup>a</sup> à 5<sup>a</sup> séries do ensino fundamental no decorrer dos meses de fevereiro e maio de 2024. Os encontros ocorriam em sala reservada e utilização de material lúdico. Os retornos dados por alunos e professores a essa iniciativa de serviço, foram registrados com devolutiva e diálogo com a instituição. Os resultados demonstram que o serviço favoreceu aos alunos atendidos a possibilidade de expressarem sentimentos profundos e vivenciarem alívio emocional em momentos de crise. Ademais, o Plantão Psicológico atuou como catalisador de demandas coletivas da escola, permitindo identificar necessidades para intervenções futuras mais amplas e estruturadas. Conclui-se que essa modalidade de atendimento constitui uma ferramenta eficaz da Psicologia no contexto escolar, favorecendo o desenvolvimento emocional e contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e preventivo em relação à saúde mental infantil.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Saúde Mental Infantil; Abordagem Centrada na Pessoa; Acolhimento Psicológico.

## PSYCHOLOGICAL EMERGENCY SERVICE IN A PUBLIC SCHOOL: an experience report on a child psychological service

<sup>1</sup> Psicólogo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3675-6331>. E-mail: [psicologo.lucasrodrigues@gmail.com](mailto:psicologo.lucasrodrigues@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3190-420X>. E-mail: [psi.marimoreira@gmail.com](mailto:psi.marimoreira@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicóloga e professora titular de dedicação exclusiva na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Brasil. Doutora em educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3325-0570>. E-mail: [rafaellasa@ccs.uespi.br](mailto:rafaellasa@ccs.uespi.br)

**Abstract:** The present article aims to report the experience of implementing a Psychological On-Call Service in a public school located in a context marked by vulnerability, drug use, and criminality in the capital of Piauí. The study highlights the potential feasibility of Psychology within the school setting to promote emotional support through this service, with a focus on children's mental health. This initiative became particularly relevant due to the growing number of cases involving self-injurious behavior, suicidal ideation, aggression, and child exploitation occurring in this specific school context, considering that socioemotional difficulties strongly affect educational processes and human development. The experience took place during an internship, in which psychological support was provided to students from the 1st to the 5th grades of elementary school between February and May 2024. The meetings were held in a private room, using playful materials. Feedback from students and teachers regarding this initiative was documented and discussed with the institution. The results show that the service provided students with the opportunity to express deep emotions and experience emotional relief during times of crisis. Furthermore, the Psychological On-Call Service acted as a catalyst for identifying collective school demands, enabling the recognition of needs for broader and more structured future interventions. It is concluded that this type of psychological service represents an effective tool within the school context, fostering emotional development and contributing to a more welcoming and preventive school environment with regard to children's mental health.

**Keywords:** Psychological On-Call Service; Children's Mental Health; Person-Centered Approach; Experience Report; Psychological Support.

## **ASISTENCIA PSICOLÓGICA EN UNA ESCUELA PÚBLICA: informe de experiencia en un servicio de apoyo psicológico infantil**

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo relatar la experiencia de implementación de un servicio de Guardia Psicológica en una escuela pública situada en un contexto marcado por la vulnerabilidad, el consumo de drogas y la criminalidad en la capital de Piauí, destacando la posible viabilidad de la Psicología en el contexto escolar para promover la acogida a través de este servicio, con miras a la salud mental infantil. Este desafío se tornó relevante debido al creciente número de comportamientos autolesivos, ideación suicida, agresión y explotación infantil que ocurren en este contexto escolar específico, considerando que las dificultades socioemocionales inciden de manera significativa en los procesos educativos y en el desarrollo humano. La experiencia tuvo lugar durante la práctica de pasantía, en la cual se realizaron acogidas psicológicas a estudiantes de 1° a 5° grado de la educación primaria durante los meses de febrero a mayo de 2024. Los encuentros se llevaron a cabo en una sala reservada, utilizando material lúdico. Las devoluciones brindadas por los alumnos y docentes a esta iniciativa fueron registradas y discutidas con la institución. Los resultados demuestran que el servicio favoreció a los alumnos

atendidos la posibilidad de expresar sentimientos profundos y experimentar alivio emocional en momentos de crisis. Además, la Guardia Psicológica actuó como un catalizador de las demandas colectivas de la escuela, permitiendo identificar necesidades para futuras intervenciones más amplias y estructuradas. Se concluye que esta modalidad de atención constituye una herramienta eficaz de la Psicología en el contexto escolar, favoreciendo el desarrollo emocional y contribuyendo a un ambiente escolar más acogedor y preventivo en relación con la salud mental infantil.

**Palabras clave:** Asistencia Psicológica; Salud Mental Infantil; Enfoque Centrado en la Persona; Informe de Experiencia; Apoyo Psicológico.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre a saúde mental de crianças e adolescentes é um tema crescente no cenário contemporâneo, que afeta e adentra sobremaneira os muros e grades escolares. Uma vez que Bock (2020) discorre sobre o quão as mazelas sociais tangenciam sobremaneira os processos educativos, não se pode discutir aprendizagem, comportamento cognitivo e o comportamento socioemocional separadamente.

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento preocupante nos casos de comportamentos autolesivos, ideação suicida e até mesmo suicídios consumados entre adolescentes, atingindo faixas etárias cada vez mais jovens (Monteiro, 2023). Apesar dessa realidade alarmante, a saúde mental nos agentes que compõem o contexto educacional, recebe atenções e cuidados aquém do que a complexidade do fenômeno exige. Quando há alguma mediação ou mobilização institucional, a mesma restringe-se na maioria das vezes a ações pontuais de contenção de comportamentos, ao invés de priorizar a prevenção, promover ou psicoeducação com espaços de escuta, acolhimento e diálogo sobre sentimentos e experiências vividas.

Dessa forma, é possível observar que as dificuldades apresentadas pelos alunos no cotidiano escolar, como a desmotivação e queda de rendimento escolar, em muitos casos, estão relacionados a queixas de saúde mental, sejam elas afetadas por fatores orgânicos (distúrbios de aprendizagem, disfunções ou limitações no desenvolvimento) e emocionais (Artero, 2012). Assim, contrariando uma das funções essenciais da escola de ser um espaço de

transformação, ultrapassando a educação formal a fim de auxiliar os estudantes a conduzirem sua formação de maneira autônoma (Rodrigues; Quixadá, 2023).

Para o autor Libâneo (2012), há uma implicação acerca do dualismo perverso das escolas brasileiras, desvelando a realidade e implicações das escolas do conhecimento destinadas ao que tem condições de pagar pelo direito de estudar com qualidade e a escola do acolhimento, que acolhe a maior parte de crianças e jovens brasileiros em idade de escolarização. Este fato impera no cenário nacional em que quanto maior sejam as diferenças sociais são maiores serão as diferenças, dificuldades e qualidades nas escolas. E, essa realidade, também aplica-se à Psicologia Escolar que mesmo apresentando-se como serviço obrigatório e constituinte da escola de acordo com a Lei 13.935/2019 (BRASIL, 2019), no chão das escolas públicas tal legitimidade não se aplica.

Historicamente, a Psicologia Escolar foi marcada por um modelo adaptacionista e remediativo, voltado à correção de comportamentos e à exclusão dos considerados “não aptos” (Oliveira; Marinho-Araújo, 2009). O psicólogo era convocado para curar, controlar e “normalizar” condutas, desconsiderando singularidades e contextos, o que levava à culpabilização do aluno por baixo rendimento ou evasão escolar.

Até meados do século XX, a Psicologia Escolar ocupava papel secundário na área, vista como simples, dispensável e sem identidade profissional definida, exigindo pouco preparo técnico (Andaló, 1984). Nesse contexto, frente à demanda por resultados imediatos, intervenções pontuais e dependência médica, a Psicologia Educacional reduziu-se à busca de causas e à validação da medicalização excessiva (Estanislau *et al.*, 2014). Isso contribuiu para a patologização do ambiente escolar, responsabilizando exclusivamente o aluno pelas dificuldades de aprendizagem e eximindo a escola de seu papel formativo (Oliveira; Marinho-araújo, 2009).

Como contraponto, surge a Psicologia Escolar Crítica, que rompe com a tradição remediativa e propõe uma atuação preventiva e formativa, voltada ao desenvolvimento humano e à autonomia do aluno. O psicólogo escolar passa a construir espaços de diálogo com os diversos agentes da escola, promovendo

aprendizagem, desenvolvimento e atenção à saúde psíquica no ambiente educacional (Oliveira; Marinho-Araújo, 2009).

É preciso lembrar que as intervenções escolares devem considerar que o aluno está imerso em diversos fatores que influenciam sua formação humana, sejam eles históricos, sociais, políticos ou econômicos (Dias; Patias; Abaid, 2014). Esses elementos moldam não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o comportamento, as relações sociais e a percepção de si mesmo no ambiente escolar, exigindo uma atuação educativa sensível e integrada.

Nesse contexto, outras formas de violência – física, psicológica e sexual – agravam ainda mais o panorama enfrentado pelos alunos. Estudos apontam que uma em cada oito crianças matriculadas apresenta alguma dificuldade que justifica a necessidade de atendimento especializado nas escolas, e ignorar essas questões durante o período escolar pode gerar consequências significativas, como baixo rendimento acadêmico, evasão escolar e maior envolvimento em problemas legais (Estanislau *et al.*, 2014). Dessa forma, compreender o contexto amplo do aluno torna-se essencial para a construção de estratégias educativas eficazes e inclusivas.

Um outro exemplo disso é a violência doméstica, que causa efeitos negativos observados no funcionamento cognitivo e emocional e, ainda, na vida social e escolar. O declínio significativo do desempenho escolar da criança vitimizada é notado em pesquisas feitas em todo o mundo, inclusive no Brasil (Pereira; Williams, 2008). Nesse contexto, a escola tem papel essencial ao acolher, orientar e oferecer suporte à criança, criando um espaço de escuta e proteção que favorece a expressão emocional e a reconstrução de vínculos de confiança.

Em Teresina, e no Piauí como um todo, a realidade não é diferente. Mesmo tendo uma Psicologia Escolar atuante que evolui significativamente e ultimamente estando debruçada a projetos de alfabetização emocional no ambiente escolar, potencializando a saúde mental de estudantes, esta realidade é limitada às instituições privadas que já vêm desenvolvendo serviços dessa natureza há mais de duas décadas.

Na contramão desste cenário, temos uma escola publica teresinense e piauiense com índices crescentes de comportamentos autolesivos, ideação e suicídio entre adolescentes, com dados preocupantes da SESAPI (2023) ao notificar índices de lesões autoprovocadas e suicídios: 7,06% em 2010; 10,57% em 2019; e 11,83% em 2021, colocando o estado em segundo lugar nacional em notificações (SESAPI, 2023). E, mesmo em 2023, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) registrou um aumento de 50% nas denúncias de violência escolar, principalmente bullying, envolvendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade (Franco, 2023).

Dentre as formas de violência, o bullying se destaca pela frequência e pelos impactos, sendo considerado uma questão de saúde pública. O MDHC destaca ainda dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao mostrar que cerca de 23% dos brasileiros relatam ter sofrido bullying, principalmente no ambiente escolar (Setubal, 2024).

As escolas públicas da rede da Secretária Municipal de Educação do Piauí (SEMEC), majoritariamente, não dispõe de Psicólogos Escolares *in loco*. Sendo esse ainda substituído por Núcleos de Assistência ao Educando com equipes multiprofissionais composta por psicólogos e assistentes sociais. Estas equipes são responsáveis por instituições educacionais segmentadas por regiões (Eugenio, 2023).

Diferenciando-se do papel do psicólogo escolar, mas inserido no mesmo contexto, o psicólogo Miguel Mahfoud (2012) propôs a sistematização de um serviço de Plantão Psicológico em escolas. O autor, que descreve como “um espaço para ouvir em si as palavras mais profundas e verdadeiras”, conta que essa experiência possibilitou aos alunos um espaço oportuno de se cuidar, além de ter servido como um agente transformador que proporcionou mudanças de atitudes por parte dos que foram atendidos.

É importante ressaltar que o Plantão Psicológico é um serviço de atendimento que pretende acolher de forma urgente, quase que no momento exato da sua demanda, e que, deve se completar em si mesmo em um ou mais atendimentos. Essa modalidade de atendimento psicológico tem como

embasamento teórico a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, e por isso, tem como um dos objetivos facilitar a tendência à atualização do cliente, sendo assim, voltado ao autocrescimento Rosenberg (1987).

Segundo Rogers e Kinget (1977), essa tendência é estimulada em um ambiente terapêutico marcado pela não-diretividade e atitudes facilitadoras do psicólogo: a congruência, quando o psicoterapeuta mostra-se sem fachada; a consideração positiva incondicional, a qual o facilitador considera as expressões do cliente, sejam elas positivas ou negativas; e a compreensão empática, quando o terapeuta consegue captar o mundo do cliente tal qual o seu mundo (Rogers, 1961/2009).

Dessa forma, é importante saber que nem sempre a pessoa procura o Plantão em busca de ajuda, às vezes, este, o que procura, tem o interesse, apenas, de sentir-se ouvido, e, se possível, sentir-se livre para falar sobre algo que não tem espaço para ser dito fora de um espaço sigiloso e acolhedor. Para que haja uma boa compreensão da queixa central, o estabelecimento do vínculo é fundamental, em conjunto com a habilidade do terapeuta de estar disponível para o paciente (Mahfoud, 2012).

Seguindo esse exemplo, Szymanski (2004) propõe o Plantão Psicológico na escola como um espaço de escuta e interlocução para familiares e educadores, dessa forma, o local favorecia tanto a comunicação das expressões, mas também a orientação pedagógica. Posteriormente, Campos e Cury (2009) implantaram um serviço de Plantão Psicológico em uma creche de um bairro de baixo favorecimento econômico no interior de São Paulo.

Para as autoras (Campos; Cury, 2009), a partir do proporcionamento de uma escuta qualificada<sup>4</sup> para crianças matriculadas nesta creche, favorecem uma atitude de empatia pelos que procuravam o atendimento, sobretudo aos alunos que demonstravam não estarem habituados com suas ideias e sentimentos ouvidos e considerados. De acordo com as pesquisadoras foi

---

<sup>4</sup> O conceito de escuta qualificada é associado à criação do Sistema Único de Saúde (SUS) para descrever uma escuta atenta, humanizada e ética nos atendimentos (BRASIL, 2004)

possível também visualizar um desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança por parte das crianças.

Sendo assim, o Plantão Psicológico é um serviço que pode ser exercido por psicólogos ou estudantes de psicologia, sob supervisão de um psicólogo, que se disponibilizam a atender, em local, dias e horários pré-estabelecidos, pessoas que fazem parte de um determinado grupo social identificado com um espaço institucional que podem procurar espontaneamente esse Serviço (Bezerra, 2014).

Com essa contextualização – mesmo tendo a ciência que a Psicologia Escolar é uma ferramenta que vem com intuito de ampliar a criticidade e potencializar o sujeito enquanto protagonista em seu processo de desenvolvimento, e que em sua dinâmica diária muitas vezes tais profissionais não possuem logística e nem dinamicidade para atendimentos individuais aos alunos – o acolhimento do sofrimento do outro é imperativo a atuação de todos os profissionais de psicologia independente do campo de atuação.

Frente a todo o exposto, este relato de experiência tem uma peculiaridade e uma particularidade, que foi a tentativa de implantação de um projeto Piloto para implantação de um Plantão Psicológico em uma Escola Municipal de Teresina justificada pelas realidades apresentadas pelo corpo administrativo e pedagógico da instituição, uma vez que tratou-se de uma escola situada nas proximidades do maior núcleo de criminalidade: homicídio, latrocínio, drogadição e violências e exploração infantil e atende as crianças orinucas dessa realidade com idades de 7 até 13 anos, que buscavam insistentemente a direção e coordenação para relatar violências e abusos que sofrem.

Pela necessidade da equipe pedagógica e emergência de se acionar a rede de apoio extensiva à escola, após avaliação dinâmica da instituição e diálogos com professores e demais funcionários da escola, em concordância com a direção da mesma, entendeu-se que a inserção de um Plantão Psicológico para acolher essas crianças, com números expressivos de registros de violência

e já buscavam-nas com frequência seria um caminho emergencial e viável dentro do cenário apresentado.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de estagiários do curso de psicologia, com a implantação de um serviço de Plantão Psicológico em uma escola pública localizada no estado do Piauí, assim como explicitar o conceito de Plantão Psicológico, explanar sobre o processo de implantação de um serviço de Plantão Psicológico Escolar, observar os possíveis benefícios de um serviço de atendimento psicológico imediato à crianças e investigar sobre a inserção do Plantão Psicológico como ferramenta efetiva de cuidado para Psicologia Escolar.

## **METODOLOGIA**

Este artigo trata-se de um relato de experiência conduzida sob o método de estudo de caso. Propõem Bogdan e Biklen (1994), ao considerar que este tipo de abordagem busca compreender significados atribuídos a experiências vividas. Tem como objetivo compartilhar a vivência de estudantes de psicologia com a implementação de um Plantão Psicológico em uma escola pública em um município do estado do Piauí. A experiência acadêmica ocorreu durante o estágio obrigatório em psicologia escolar, sob supervisão de uma profissional da psicologia vinculada à instituição de ensino e de uma supervisora de campo – profissional da escola da qual o plano de ação foi planejado e executado.

As atividades foram desenvolvidas entre os meses de fevereiro e maio de 2024. Durante esse período, a atuação dos estagiários foi dividida em três etapas. A primeira, denominada “Exploração do campo”, correspondeu ao momento inicial de aproximação com a escola, com o objetivo de conhecer o espaço, identificar demandas e planejar a intervenção. Nesta fase, realizamos reuniões com a supervisão acadêmica e a equipe gestora da escola, observações do ambiente escolar, levantamento de demandas e estudo teórico acerca do Plantão Psicológico.

A partir da exploração do campo foram coletados alguns dados que compõem a caracterização do contexto escolar. Esta unidade escolar da rede pública municipal fica localizada em área urbana e, no ano de coleta, possuía 463 alunos matriculados e distribuídos em 17 turmas, sendo elas do 1° ao 5° ano escolar, 26 professores, com espaço físico que conta com cantina, pátio e ginásio.

Além disso, observou-se, durante a exploração e vivência em campo, que a escola pública em questão está inserida em um território marcado por múltiplas expressões da questão social, caracterizado por elevados índices de vulnerabilidade socioeconômica, presença de famílias em situação de pobreza, drogadição e criminalidade. Segundo os relatos dos funcionários da escola, esse contexto territorial, situado na capital do Piauí, pode repercutir diretamente no cotidiano escolar, influenciando o comportamento, o rendimento e as relações interpessoais dos alunos, bem como as dinâmicas de trabalho dos profissionais da educação.

A segunda etapa, intitulada “Indo a campo”, marcou o início das práticas planejadas. A primeira ação foi a divulgação do projeto, por meio da distribuição de folhetos informativos e da apresentação do serviço nas salas de aula, para os alunos e professores. Buscamos interagir diretamente com os alunos com o objetivo de incentivá-los a se sentirem autônomos na busca pelo acolhimento, ainda que dependessem da autorização prévia do professor para acessar o serviço. Em seguida, teve início o funcionamento do Plantão Psicológico, com atendimento presencial oferecido pelos estagiários, em regime de seis horas semanais, voltado ao suporte emocional de estudantes que sentissem necessidade espontânea do serviço ou que fossem encaminhados por um responsável.

A terceira etapa intitulada como “colhendo demandas” deu-se início no momento em que o primeiro atendimento psicológico foi realizado. Ao todo foram 12 alunos atendidos pelo serviço de Plantão Psicológico escolar, o qual logo mais, nos resultados e discussão, iremos debater as principais demandas encontradas junto da literatura científica.

Paralelamente, realizamos encontros semanais de supervisão com a psicóloga supervisora e os demais estudantes da turma de Psicologia, os quais realizavam outros projetos de intervenção na mesma instituição. Nesses encontros discutimos os atendimentos realizados e refletimos sobre a prática realizada. Este acontecimento está inserido na quarta e última etapa, intitulada “Finalização”, a qual consistiu, além do que foi citado, a produção de um relatório final onde descrevemos as principais vivências, intervenções e desafios enfrentados.

Também realizamos uma reunião de encerramento com a supervisora de campo da instituição, com o intuito de apresentar à escola um retorno geral sobre as demandas observadas, bem como compartilhar impressões e sugestões relacionadas ao serviço prestado. Durante essa devolutiva, foram também colhidos *feedbacks* da equipe escolar sobre a experiência, contribuindo tanto para a avaliação do projeto quanto para a nossa formação profissional.

A construção deste relato baseia-se em registros de campo, reflexões individuais e coletivas, anotações produzidas ao longo do estágio e diálogos realizados em supervisão. Mesmo com a limitação de tempo da coleta de dados causada pela duração do estágio, respeitamos os princípios éticos da Psicologia, garantindo o sigilo e o anonimato das pessoas envolvidas, conforme orientações do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Exploração do campo

A primeira parte da experiência de estágio foi a de exploração do campo. Seu objetivo era o conhecimento do ambiente escolar, assim como uma reunião com a diretoria escolar e com as supervisoras, com isso, também fomos apresentados aos professores da escola com intuito de integrar-nos à equipe. A apresentação aos alunos ocorreu durante o próximo estágio. De acordo com

Orrico (2016), a observação é como uma possibilidade de atentar-se à um fenômeno e perceber o que se manifesta. Dessa forma, a observação do campo abriu-nos a possibilidade de perceber a dinâmica escolar, reconhecer demandas emergentes e realizar uma hipótese de diagnóstico institucional.

Durante o período de observação, notamos uma quantidade significativa de estudantes nos corredores em alguma crise emotiva, conflito pessoal ou com colegas, e a sobrecarga da direção escolar em lidar com essas situações emocionais, algumas vezes sendo mediadas por qualquer funcionário que estivesse disponível no momento.

Ainda, notamos a ausência recorrente da equipe de psicologia, que só se apresentava no local presencialmente de forma periódica, já que uma mesma profissional era responsável por mais de uma escola municipal (Eugênio, 2023). De acordo com a pesquisa de Sousa *et al.* (2025), há uma grande incidência de sobrecarga de trabalho por parte dos docentes, sobretudo em relação a funções de conselheiros e mediadores na relação escola-aluno e aluno-família, que lhe são atribuídos, ainda que esteja fora de suas competências profissionais.

Com isso, a observação do campo foi imprescindível para que pudéssemos desenvolver nosso plano de ação sob fundamentação teórica do Plantão Psicológico. Sendo assim, o Plantão Psicológico entrou como uma possibilidade de acolhimento psicológico imediato com a intenção de fornecer um atendimento integralizador e, se necessário, psicoeducativo (Silva *et al.*, 2025).

### **Indo a campo**

Após o processo de exploração do campo, iniciou-se a etapa de ir a campo. A priori, como já citado anteriormente, foi feita a divulgação do projeto utilizando cartazes nos corredores da escola e passando pelas salas de aula. Antes de apresentar nossa proposta, nos apresentamos aos alunos: quem éramos, onde e o que estudávamos, o nosso projeto e seu objetivo, além de abrir espaço para compartilharem suas dúvidas.

Com a divulgação realizada, os atendimentos psicológicos foram iniciados. Entretanto, é relevante citar que a sala de atendimento psicológico não era fixa, nós éramos alocados na sala que estivesse disponível no dia dos atendimentos. Inicialmente utilizamos a sala do serviço psicossocial da escola, que encontrava-se quase sempre vazia por conta da presença periódica da equipe na instituição. No entanto, a pedido da equipe, fomos retirados desta sala e passamos a atender nas salas de aulas, as quais não estavam sendo utilizadas, seja por ausência de professor, ou por suspensão de aula por conta de problemas estruturais.

Dessa forma, é importante citar que, a partir disso, surgiram alguns desafios e obstáculos que nós precisamos enfrentar. Devido a falta de local de atendimento citada anteriormente, em um dos dias do Plantão, durante uma das solicitações urgentes, tivemos que realizar uma escuta psicológica em um dos corredores da escola. Quanto a isso, o Plantão Psicológico por se tratar de uma modalidade de atendimento que se difere da psicologia clínica, tem o seu *setting* terapêutico flexível, dessa forma, ele se faz onde há demanda e onde se pode ser assegurado o máximo de privacidade e sigilo, não, necessariamente, em um consultório (Silva; Evangelista, 2022).

Além do mais, mesmo utilizando uma abordagem passiva e sempre dispostos a explicar que nossa função na escola era trabalharmos juntos e em benefício aos funcionários, uma professora nos impediu de divulgar o projeto na sala de aula da qual ela era responsável. Segundo ela, “a psicóloga daqueles alunos seria ela” e ela saberia lidar com as adversidades que viessem a acontecer. É relevante considerar que a professora não tinha qualificação e formação em psicologia, e não tinha o cargo designado de conselheira pedagógica.

Depois nos foi comunicado que essa professora era encarregada pela “turma problemática”, sendo a única professora que conseguia “controlar” e dar aula de forma eficiente na turma. Diante da situação, com a intervenção da coordenadora da escola, também supervisora de campo deste estágio, pudemos apresentar nosso projeto aos alunos daquela turma.

Cabe explicitar que o método pedagógico de formar as turmas por nível de habilidade e/ou comportamento é uma prática comum em escolas (Bernado, 2013). No entanto, segundo uma pesquisa realizada por Alves e Soares (2007), utilizar desses critérios para compor os alunos de turmas escolares pode impactar no nível de desempenho dos alunos, assim como as taxas de progresso das quais foram observadas pelo estudo. Igualmente, os critérios de formação podem também contribuir para que o pequeno espaço entre os grupos se transformem em uma grande diferença, contribuindo assim para uma maior homogeneização dos grupos.

Após a ocasião supracitada, os estagiários foram constrangidos na sala dos professores, quando a mesma professora falou em tom alto e grosseiro sobre “outras pessoas querendo se meter em um trabalho dela”. Durante o período do estágio, foi observado que a mesma causava medo nos alunos e desconforto em outros funcionários pelo seu comportamento autoritário, não só dentro de sala de aula. Tal situação exemplifica a questão levantada por Oliveira (2019), sobre a ação pedagógica, denominada de autoritarismo, que cria uma cultura de medo e punição ao tentar inibir comportamentos e sentimentos de alunos.

Dessa forma, assim como no fato mencionado, com a intenção de punir os alunos de uma turma considerada problemática, a professora da turma tomou uma posição opressora e, como punição, tentou impedi-los de serem atendidos pelo projeto escolar de Plantão Psicológico, ou seja, de obter um espaço de escuta e acolhimento. Para a autora (Oliveira, 2019), o autoritarismo é diferente da posição de autoridade educadora, isto é, difere de uma posição pedagógica que propõe a reflexão e olhar crítico sem se desmembrar de uma autoridade responsável pelo conhecimento e formação humana.

Apesar de ter enfatizado a finalidade do serviço, uma vez que os atendidos deviam procurar pelo serviço de forma espontânea, assim como encontrado na literatura (Evangelista; Araújo, 2007), foi-nos encaminhado 5 crianças com a justificativa de mau comportamento, e/ou tentativas de afastar os alunos da sala de aula. Ao todo, recebemos no nosso serviço de Plantão

Psicológico recebemos 12 alunos da escola do qual iremos discutir no tópico a seguir.

### **Colhendo demandas**

Independentemente do motivo do encontro aos plantonistas, seja encaminhados por funcionários da escola, seja de forma espontânea, todos foram acolhidos e ouvidos. Na maior parte dos casos, as crianças atendidas encontravam-se chorando ou emocionalmente instáveis, entretanto, uma vez que a escuta se iniciasse, começamos a presenciar os momentos de choro sendo cessados, e a ouvi-los desabafando, contando confidências, expressando sentimentos de forma livre. Atribuímos esse efeito por, principalmente, nos portarmos de maneira empática, mas também de considerar de maneira positiva incondicional as suas questões pessoais, postura essa reafirmada por Rogers (1961/2009).

Segundo Evangelista e Araújo (2007), o contato relacional através de uma escuta que ressoa, ou seja, que possibilita quem fala ouvir as próprias palavras, facilita a possibilidade de quem está sendo atendido enxergar um caminho do qual prosseguir de forma autêntica e congruente. Como dito por Mahfoud (2012), ao nos colocarmos disponível aos alunos, a partir de uma escuta ativa e que considera a voz e o pensamento daquelas crianças, diversas demandas surgiam, não somente relacionadas ao motivo da procura do atendimento.

É importante ressaltar que as maiores incidências nos atendimentos foram sobre comportamentos considerados inadequados, sexualidade e, sobretudo, bullying escolar, violências físicas entre os alunos e questões familiares. Sobre o primeiro ponto, é relevante informar que os estudantes com esse tipo de demanda foram encaminhados por professores ao considerarem que o serviço de Plantão Psicológico era responsável por corrigir comportamentos considerados, pelos remetentes, como inadequados.

Dessa forma, voltando a discutir Oliveira (2019) sobre o autoritarismo da figura pedagógica, o serviço de Plantão Psicológico, compreendendo sua função

de acolhimento, empatia e consideração positiva incondicional (Campos; Cury, 2009), contrapondo a expectativa de alguns dos remetentes não exercer a função autoritária e adaptacionista, de um antigo cenário da psicologia escolar (Oliveira; Marinho-Araújo, 2009), para os alunos encaminhados para esta função.

Quanto às demandas de sexualidade percebemos que havia um tabu em relação à discussão naquele espaço escolar. Segundo Andrade, Batista e Pinheiro (2018), a sexualidade infantil era corriqueiramente vista como algo impróprio e proibido, o que atrasou por gerações o debate acerca da orientação sobre sexualidade e autoconhecimento do próprio corpo. Dessa forma, é comum que atualmente educadores procurem orientações para enfrentar os desafios referente a questões de sexualidade dentro das escolas de idade infantil.

Ademais, é relevante que em contexto de atendimento psicológico deve-se considerar o desenvolvimento infantil, aproximar-se de uma postura de escuta, compreensão e psicoeducativa, e afastar-se de atitudes repressoras e reativas (Ribeiro; Gagliotto, 2022). Além do mais, o papel a psicologia também pode entrar para um diálogo intesdisciplinar no contexto escolar como um agente de educação em saúde que auxilia a escola a lidar com essas demandas (Barbosa *et al.*, 2024), mas também de utilizar a educação sexual como uma prevenção da violência sexual infantil (Maia; Spaziane, 2015).

Em relação ao bullying escolar e violências físicas entre os alunos, surge uma concordância entre os dados levantados por Franco (2023) e a experiência em campo, uma vez que a violência e o bullying entre os colegas estudantes eram uma queixa presente e, em alguns casos, o ponto central do que levou a criança ao atendimento psicológico.

Neste âmbito, visualizamos a presença do Plantão Psicológico como um lugar de acolhimento a essas crianças, sejam os envolvidos ativamente à violência sejam os envolvidos de forma passiva, uma vez que:

1. Para um psicólogo plantonista não cabe o papel de avaliar ou julgar a demanda levada pelo paciente (Rocha, 2011), sendo assim, um plantonista na

escola não tem a função de corrigir ou de mediar os conflitos, deste modo, deve compreender as suas limitações profissionais e o seu dever naquele espaço;

2. Agentes ativos do bullying podem também ser vítimas de violência intrafamiliar. Segundo Oliveira *et al.* (2017), o bullying pode ser multifatorial, entretanto há indicativos que a experiência de ter sofrido castigos físicos ou humilhações tem como consequência tornar uma criança mais suscetível ao envolvimento em situações de violência;

3. O Plantão psicológico surge como uma possibilidade de acolhimento psicológico aos envolvidos na violência uma vez que além de prevenir a escalada dos conflitos, pode também promover o desenvolvimento dos estudantes assim como minimizar os impactos psicológicos daquela violência vivida (Corrêa; Frota; Rocha, 2024).

Além disso, um outro ponto que vale ser discutido são as demandas levadas pelas crianças atendidas das quais eram relacionadas à questões familiares. Neste âmbito, foi possível visualizar os danos da vulnerabilidade socioeconômica na saúde mental dessas crianças. As escolas públicas brasileiras presenciam como as desigualdades econômicas podem impactar no desempenho acadêmico de seus alunos, sobretudo na qualidade de infraestrutura escolar e a dificuldade de acesso em escolas em regiões periféricas (Ferreira *et al.*, 2024).

Ainda sobre as questões familiares, foi possível encontrar demandas que refletiam a vivência e o testemunho de momentos de violência dentro de seus lares. Sobre esse ponto, segundo a literatura (Campos; Lima, 2024), presenciar violência doméstica reflete em consequências de longo prazo no desenvolvimento infantil e no seu bem-estar mental, social e emocional. Segundo Ferro, Oliveira e Casanova (2023), crianças expostas à situação de violência podem apresentar uma instabilidade emocional maior assim como um maior prejuízo no reconhecimento das próprias emoções.

Nos atendimentos em que foi identificado risco à integridade física e/ou psicológica da criança, realizou-se o encaminhamento imediato à autoridade

responsável da escola, em conformidade com o que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

### **Finalização**

Por fim, após os atendimentos, nos reunimos para discutir e estudar as especificidades dos casos, assim como participamos das supervisões de estágio, que ocorriam semanalmente. A participação das supervisões foi essencial para o processo de aprendizagem, uma vez que, com a supervisora, trocamos experiências de maneira horizontal, fato que contribuiu para manter a segurança e confiança no projeto do Plantão Psicológico escolar. De acordo com Silva Filho e Montenegro (2015), o clima acolhedor, de troca e de sensibilização em uma supervisão em Plantão Psicológico favorece o autoconhecimento entre os plantonistas e demais.

Além disso, desenvolvemos um relatório devolutivo para a escola com a intenção relatar a experiência e levar à discussão com a coordenação escolar as principais questões encontradas no campo. Neste ponto, foi quando encontramos, de fato, uma possível intersecção entre o Plantão Psicológico e a Psicologia Escolar, uma vez que não tínhamos a intenção de transformar a “sala de psicologia” em consultório, e sim abrir um espaço para o acolhimento psicológico daqueles alunos, assim como relatado por Mahfoud (2012).

Ao invés disso, percebemos o Plantão também como um espaço de catalização de demandas coletivas do âmbito escolar, e a partir dessas demandas encontradas, pudessem ser realizadas intervenções coletivas. Com isso, em reunião com a coordenadora escolar, supervisora de campo deste estágio, pudemos explanar, respeitando o sigilo e assegurando a ética profissional, alguns dos pontos encontrados pela equipe do Plantão. Dessa forma, assim como discutido na literatura (Masson; Oliveira, 2016), a psicologia se coloca à disposição de construir e/ou fortalecer intervenções coletivas que contribuam no bem-estar escolar.

Por fim, foi discutido sobre o espaço e a recepção da psicologia, no caso, dos estagiários de psicologia, pelos funcionários da escola, uma vez que esse vínculo estava enfraquecido por conta da grande ausência do setor psicossocial na instituição. Quanto à isso, de acordo com Silva e Aquino (2023), a integração e formação de uma equipe multiprofissional entre a direção pedagógica e os profissionais da psicologia é relevante para promover ações estratégicas, coerentes às demandas do campo, e de enfrentar a complexidade da prática escolar. Sendo assim, a não existência desse vínculo multiprofissional pode, de maneira significativa, ser prejudicial ao bem-estar escolar.

## CONCLUSÃO

Em conclusão, é importante destacar que os resultados não se restringem às descrições das ações praticadas, mas evidenciam tensões institucionais, como sobrecarga docente e diversas lacunas de cuidado com os alunos e funcionários.

Apesar de existir uma equipe de Psicologia vinculada à instituição, sua presença intermitente traz desafios às continuidades das ações. O Plantão, nesse caso, funcionou como auxiliar no processo de vínculo entre alunos e escola, fortalecendo o fluxo de comunicação e identificação precoce de situações que exigem acompanhamento.

A partir dessa pesquisa encontramos a possibilidade de implantação de um serviço de acolhimento psicológico infantil. Com isso, presenciemos que a escuta qualificada, unidas ao acolhimento imediato e as atitudes facilitadoras – congruência, consideração positiva incondicional e empatia – são capazes de, uma vez que a criança se sinta ouvida e considerada, liberar sentimentos e expressões profundas, e conseqüentemente, ao esclarecimento das sensações e, minimamente ao alívio da crise.

Assim sendo, não substituidor do acompanhamento clínico ou do psicólogo escolar, mas oferecedor de uma escuta pontual, de caráter preventivo e orientador, respeitando os limites éticos e institucionais.

Principalmente, se na análise estrutural, for apontado a recorrência de situações de crise emocional emergente entre os alunos, em conjunto com a sobrecarga de funcionários.

Compreendemos que a Psicologia Escolar não se faz apenas dentro de um consultório. Justamente por isso a possibilidade de um serviço de atendimento imediato e pontual, ou seja, que não se faz em sessões e sim em um único atendimento, anda em consonância com a conceitualização da área. Além disso, assim como na experiência relatada nesta pesquisa, conseguimos presenciar o Plantão Psicológico como um catalisador de demandas escolares que podem vir a ser trabalhadas de maneira coletiva.

Diante disso, a partir da experiência de implementação de um serviço de Plantão Psicológico em uma escola pública no estado do Piauí, experimentamos que este é um lugar para florescer e ouvir os sentimentos mais profundos. Sendo assim, é um dispositivo psicoterapêutico para crianças. Ainda, como uma possível ferramenta da Psicologia Escolar para acolhimento psicológico de estudantes e de compreensão de demandas coletivas escolares.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45, p. 25-59, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000100003>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda. O papel do psicólogo escolar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 43-46, 1984. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/G3tr4Kcqc8NSq3fCmnYBqYk/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ANDRADE, Maria José Barbosa de; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira; PINHEIRO, Geane de Andrade. Sexualidade infantil no século XXI: entre lacunas e possibilidades. *Revista de pesquisa interdisciplinar*, Cajazeiras, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/artic le/view/656> Acesso em: 20 jul. 2025.

ARTERO, Tiago Tristão. A motivação e sua relação com os problemas de aprendizagem. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 3, n. 3, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555793> Acesso em: 31 out. 2025.

BARBOSA, Fernanda Carvalho *et al.* Educação sexual na infância: abordagens e perspectivas para a formação docente. *REVISTA DELOS*, Curitiba, v. 17, n. 62, p. 011-24, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/3061/1769> Acesso em: 20 jul. 2025

BEZERRA, Edson do Nascimento. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em psicologia escolar: limites e possibilidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-143, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10472/8314> Acesso em: 29 jun. 2025

BERNADO, Elisangela da Silva. Organização de turmas: uma prática de gestão escolar em busca de uma escola eficaz. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 21, p. 154-181, 2013. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/eeduc/article/view/634/377> Acesso em: 20 jun. 2025

BOCK, Ana Mercês Bahia. *III Encontro de Psicologia Educacional - Conferência*, 11 nov. 2020. 1 vídeo (1:31:50). Publicado pelo canal POSEDUC UERN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pM739kXwKec> Acesso em: 17 jul. de 2025.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021\\_Digital.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf) Acesso em: 27 ago. de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *HumanizaSUS: acolhimento com avaliação e classificação de risco: um paradigma ético-estético no fazer em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento.pdf> Acesso em: 06 nov. de 2025.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 12 dez. 2019. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm). Acesso em: 14 nov. 2025.

CAMPOS, Ana Paula de Sá; CURY, Vera Engler. Atenção psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 19, p. 115-121, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/YQthPkn8bQ7XcsfSPKtvBPF/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. de 2025.

CAMPOS, Simone Figueiredo Freitas de; LIMA, Sonia Oliveira. O impacto da exposição da violência doméstica em crianças: uma revisão de literatura. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 6, p. 01-12, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6596/4676>. Acesso em: 20 ago. de 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Código de ética profissional do psicólogo*. Resolução CFP nº 010/2005, de 21 de julho de 2005. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo\\_etica.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.

CORRÊA, Daniel Fonseca Viana; FROTA, Francisco de Assis Torres; ROCHA, Wollace Scantbelruy. A importância do trabalho psicossocial do plantão psicológico em escolas públicas na cidade de Manaus na prevenção da violência escolar sob o viés da fenomenologia-existencial. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 12, p. 01-22, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/12583>. Acesso em: 20 ago. de 2025.

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105-111, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/kFwV6k4ThTqNSNpp6NYmPft/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jul. 2025.

EUGÊNIO, Sebastian. Semec cria Núcleos de Assistência ao Educando em 11 escolas. *180 graus - O Maior Portal do Piauí*, Teresina, 08 ago. 2023. Disponível em: <https://180graus.com/educacao/semec-cria-nucleos-de-assistencia-ao-educando-em-11-escolas/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ESTANISLAU, Gustavo Mechereffe; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

EVANGELISTA, Camilla Cavalcante; ARAÚJO, Fernando Oliveira de. Plantão Psicológico baseado na Abordagem Centrada na Pessoa: proposta para empoderamento de comunidades menos favorecidas. *Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2007. Disponível em: <https://anais.eneds.org.br/index.php/eneds/article/view/109> Acesso em: 18 jul. 2025.

FERREIRA, Patrick Vieira *et al.* Infraestrutura escolar e desigualdade socioeconômica: O retrato das escolas paulistas. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, São Paulo, v. 3, n. 33, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/68812/46161> Acesso em: 21 ago. 2025.

FERRO, Luiz Roberto Marquezi; OLIVEIRA, Aislan José de; CASANOVA, Gabriele Bueno. Os impactos da violência no desenvolvimento infantil. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, São Paulo, v. 4, n. 4, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2952> Acesso em: 22 ago. 2025.

FRANCO, Nadia. Violência nas escolas tem aumento de 50% em 2023. *Agencia Brasil*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2021-09/pesquisa-do-ibge-aponta-que-violencia-impacta-saude-mental-dos-jovens> Acesso em: 10 ago. 2025.

GASPAR, Fernanda Dias; COSTA, Tânia Aparecida. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 121-129, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/nQGWPBrzscJ4ppdwT7NmL5z/?lang=pt> Acesso em: 15 jun. 2025.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Formando Psicólogos Escolares no Brasil: dificuldades e perspectivas. In: WESCHLER, Sonia Maria (Org.). *Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática*. Campinas: Alínea, 2001. p. 92.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: [https://www.redalyc.org/pdf/298/Resumenes/Resumo\\_29821428001\\_5.pdf](https://www.redalyc.org/pdf/298/Resumenes/Resumo_29821428001_5.pdf) Acesso em: 14 nov. 2025.

MAHFOUD, Miguel *et al.* *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 68-84, 2010. Disponível

em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/3073a3b4-901c-4e38-8bdf-a92fea7f618f/content> Acesso em: 20 ago. 2025.

MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Silvana. *Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

MASSON, Ana Claudia Tófoli de Araújo; OLIVEIRA, Flávio Augusto Ferreira de. Intervenções do psicólogo escolar: demandas e possibilidades. *Uningá Review*, Maringá, v. 25, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/issue/view/123> Acesso em: 20 ago. 2025.

MONTEIRO, Deise da Silva. *Fatores associados à ideação suicida em adolescentes escolares com transtorno mental comum*. 198. Tese, Doutorado em Enfermagem e Saúde, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/39909/1/TESE%20DE%20DOUTORADO%2008.05.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2025.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência & Saúde Coletiva*, Manguinhos, v. 22, n. 5, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RftZVw7gjbqwp8g4W6yfDBt/?lang=pt> Acesso em: 19 ago. 2025.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844630007.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Autoridade pedagógica ou autoritarismo na educação para a infância? Reflexões em Hannah Arendt e a Teoria Crítica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp., p. 456-469, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11505> Acesso em: 9 jun. 2025.

ORRICO, Daniela Filipa Prata Costa Barros. *Gabinete de intervenção comunitária*. Relatório de estágio de Mestrado, Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3DOIcQc>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PEREIRA, Paulo Celso; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 1, p. 139-152, 2008. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100010> Acesso em: 27 ago. de 2025.

RIBEIRO, Juliane Fontana; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. Sexualidade infantil, psicanálise e educação sexual emancipatória na escola. *Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, Mongaguá, v. 2, n. 2, p. 279-285, 2022. Disponível em:

<https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/298> Acesso em: 19 ago. 2025.

ROCHA, Maria Cristina. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. *Revista do NUFEN*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000100007&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000100007&script=sci_arttext) Acesso em: 15 jul. 2025.

RODRIGUES, Patrícia Veras; QUIXADÁ, Luciana Martins. Protagonismo Juvenil e a promoção da saúde mental na escola. *Revista Docentes*, v. 8, n. 23, p. 17-26, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/906> Acesso em: 27 ago. de 2025

ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl Ransom; KINGET, Godelieve Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas, Vol. I*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROSENBERG, Rachel Lea. *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: E.P.U., 1987.

SESAPI, Secretaria de Estado da Saúde do Piauí. Coord. de análise, divulgação de situação e tendência em saúde. *Bis mortalidade geral - Relatório técnico da análise da mortalidade no estado do Piauí*, 2023. Teresina (PI). Disponível em: <https://www.saude.pi.gov.br/sim> Acesso em: 17 jul. de 2025.

SETUBAL, Luiz. O bullying está aí, cada vez mais presente. Instituto Pensi, fev. 2024. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/o-bullying-esta-ai-cada-vez-mais-presente/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SILVA, Cláudia Luciene de Melo; AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Formação em psicologia escolar: implicações para a prática em equipe multiprofissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 43, p. e265125, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/xTpCT67Dbp4bMkPTdSpckYP/?format=html&lang=pt> Acesso em: 17 jul. de 2025.

SILVA, Lucas Oliveira Rodrigues da *et al.* Plantão Psicológico como possibilidade de acolhimento à população LGBTQIA+: perspectiva e

intervenções de psicólogos plantonistas. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, Belém, v. 18, n. 2, p. 188-210, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/18187>

Acesso em: 18 jul. de 2025.

SILVA, Maria Clara Rabelo Ferreira; EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. O encontro é o setting: relato de experiência de um atendimento em Plantão Psicológico. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, v. 3, n. 1, p. 37-46, 2022. Disponível em:

<https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/23> Acesso em:

15 jul. de 2025.

SILVA, Manoella Souza da *et al.* Nursing care for child/adolescent victims of violence: integrative review. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental ONline*, v.12, p. 115-122, 2020. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/343077651\\_Nursing\\_care\\_for\\_child\\_adolescent\\_victims\\_of\\_violence\\_integrative\\_review](https://www.researchgate.net/publication/343077651_Nursing_care_for_child_adolescent_victims_of_violence_integrative_review) Acesso em: 14/11/2025.

SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade. Transdisciplinaridade na experiência de supervisão do plantão psicológico: contribuições da Medicina e da Psicopedagogia ao processo. In: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (Org.). *Plantão Psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 33-60.

SOUZA, Marília Albuquerque de *et al.* Efeitos da pandemia nas práticas de Professores/as Diretores/as de Turma: entre o reconhecimento e a sobrecarga. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, Belém, v. 18, n. 1, p. 191-221, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/17501>

Acesso em: 17 jul. de 2025.

SZYMANSKI, Heloisa. Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 19, p. 67-82, 2004. Disponível em:

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752004000200009&script=sci_arttext)

[69752004000200009&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752004000200009&script=sci_arttext) Acesso em: 15 jul. de 2025.

Recebido em: 19/03/2025

Aprovado em: 13/10/2025

Publicado em: 24/11/2025